

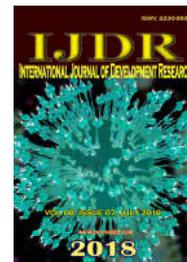


ISSN: 2230-9926

Available online at <http://www.journalijdr.com>

# IJDR

*International Journal of Development Research*  
Vol. 08, Issue, 07, pp. 22009-22012, July, 2018



ORIGINAL RESEARCH ARTICLE

OPEN ACCESS

## THE SCHOOL AND THE INFORMATION ABOUT ALCOHOLIC BEVERAGES AMONG ADOLESCENTS RURAL MARANHENSES

<sup>1,\*</sup>Williane de Fátima Vieira Batista and <sup>2</sup>Luci Mara Bertoni

<sup>1</sup>Mestra pelo Programa de Pós-graduação em Memória: Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB. Professora permanente do Instituto Federal do Maranhão - IFMA, Bacabal, Maranhão, Brasil

<sup>2</sup>Doutora em Educação Escolar pela Universidade Estadual Paulista - UNESP. Pós-doutorado na Universidade de Brasília (UnB) e na Universidade de Santiago de Compostela (USC/Espanha). Professora Plena da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB. Docente do Programa de Pós-graduação em Memória: Linguagem e Sociedade (PPGMLS/UESB), Vitória da Conquista, Bahia, Brasil

### ARTICLE INFO

#### Article History:

Received 03<sup>rd</sup> April, 2018  
Received in revised form  
26<sup>th</sup> May, 2018  
Accepted 18<sup>th</sup> June, 2018  
Published online 30<sup>th</sup> July, 2018

#### Key Words:

Adolescents,  
Alcoholic Beverages,  
School,  
Rural area.

### ABSTRACT

Considering that in rural communities, one of the only forms of leisure is related to the consumption of alcoholic beverages and that adolescents live with this reality and, at an early age, they begin to consume this licit drug in Brazil, by means of interviews with them, if the school offers information on the problem of consumption and abuse of alcoholic beverages. As a data collection procedure, a field work was done with 22 students, between 12 and 14 years of age. As an instrument of data collection, a questionnaire was used with questions related to the proposed theme. Based on the analysis of the collected data, we identified gaps in the dialogues between the professionals of the education and the adolescents about the subject in the school scope.

Copyright © 2018, Williane de Fátima Vieira Batista and Luci Mara Bertoni. This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citation: Williane de Fátima Vieira Batista and Luci Mara Bertoni. 2018. "The school and the information about alcoholic beverages among adolescents rural maranhenses", *International Journal of Development Research*, 8, (07), 22009-22012.

### INTRODUCTION

A escola é um dos campos férteis para a promoção de discussões para o aprendizado sobre o consumo do álcool. Neste espaço, é possível a formação educacional e a execução de programas com estratégias que possam envolver a todos. Contudo, não ouvir os adolescentes sobre quais informações possuem a respeito das bebidas alcoólicas, estaremos propensos a uma abordagem ineficaz. Como o consumo abusivo está cada vez mais precoce, em muitos casos, está associado a comportamentos de risco no que diz respeito ao sexo desprotegido, gravidez indesejada, como

também a evasão escolar ou seu baixo rendimento no contexto educativo. Devido a isto, os adolescentes, entram no rol de maior preocupação diante do consumo do álcool que já é considerado um problema de saúde pública. Contudo, os adolescentes dos espaços rurais parecem estar em situação mais grave, porque há uma falta de políticas públicas nessas localidades. Como consequência, os adolescentes passam invisíveis nas estatísticas e campanhas de prevenção ao consumo de bebidas alcoólicas. O contexto rural apresenta suas especificidades e não conhece-las, implicará em dificuldades no momento da implementação de propostas que possam vir das diferentes esferas governamentais ou escritas pela própria escola. Segundo Scholze *et al* (2015), podemos inferir que pouco ou nada sabemos sobre o consumo do álcool entre os adolescentes rurais. O autor concluiu que todas as políticas têm direcionado suas ações somente às populações urbanas. Assim, estamos diante de uma lacuna de informações sobre o

\*Corresponding author: Williane de Fátima Vieira Batista  
Mestra pelo Programa de Pós-graduação em Memória: Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB. Professora permanente do Instituto Federal do Maranhão - IFMA, Bacabal, Maranhão, Brasil

consumo de bebidas alcoólicas entre os sujeitos desta pesquisa, os adolescentes dos espaços rurais, assim como quanto ao papel da escola neste processo. No espaço rural escolhido para o desenvolvimento desta pesquisa, a prática do consumo já gerou problemas, tais como: a evasão escolar e a violência, tanto no interior da escola como fora dela. Levando-nos a questionar sobre a existência ou não de informações sobre consumo de bebidas alcoólicas entre os adolescentes no espaço escolar.

## MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa foi desenvolvida à luz do referencial qualitativo, o qual busca uma compreensão profunda e particular do fenômeno social em pauta. Com esta escolha foi possível uma maior reflexão sobre os dados obtidos, haja vista que a pesquisa qualitativa procura tanto encontrar o sentido dos fenômenos quanto interpretar os significados que as pessoas dão a eles (CHIZZOTTI, 2006). Neste aspecto, utilizamos como instrumentos de coleta de dados o questionário com questões fechadas para a obtenção dos dados sociodemográficos e com o intuito de verificar a existência ou não de informações oferecidas pela escola sobre o consumo de bebidas alcoólicas. Além do questionário, fizemos entrevistas individuais que foram gravadas e, posteriormente, transcritas. Com base em Cruz Neto (2002, p. 57), concebemos a entrevista “como uma conversa a dois com propósitos bem definidos”. Neste formato, foi possível a coleta de dados objetivos e subjetivos. Cruz Neto (2002) explica que os dados subjetivos correspondem aos valores, às atitudes e às opiniões dos sujeitos entrevistados. O espaço rural escolhido para a pesquisa está localizado no Estado do Maranhão, que possui uma área de 331.936,955 km<sup>2</sup>, com cerca de 36,9% de sua população vivendo em áreas rurais. De acordo com o censo, é o Estado com maior população rural do Brasil, o que representa um universo de 2.427.640 pessoas em todo o Estado (IBGE, 2010). O estado está dividido em oito territórios: O Território Alto Turi e Gurupi, Baixada Ocidental, Baixo Parnaíba, Campos e Lagos, Cocais, Lençóis Maranhenses Munin, Médio Mearim e Vale do Itapecuru. O local da pesquisa, a qual denominamos aqui de comunidade Rio, para preservarmos sua identidade, é uma comunidade rural situada na Mesorregião do Centro Maranhense e na Microrregião do Médio Mearim. A escola foi o espaço social escolhido para a coleta dos dados. Sendo considerada de pequeno porte, possui quatro salas de aula de aula, uma secretaria onde também funciona a direção escolar, um pátio coberto, uma cantina, dois banheiros: sendo um masculino e o outro feminino. A escola não possui área externa ou outro ambiente que sirva para reunir todos os alunos em atividades educativas, sendo necessário o uso de outros espaços da comunidade, como a igreja. Embora a escola tenha sempre vigias em todos os turnos e nos finais de semana, o local sofreu vários furtos nos últimos anos. Mesmo com a insegurança, a escola não diminuiu o número de alunos matriculados de um ano para o outro. A matrícula do ano de 2016 foi de 119 alunos, em 2017, ano em que a pesquisa foi aplicada, a escola matriculou 127 alunos dividido entre os turnos matutino e vespertino.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A soma dos entrevistados é de 22 alunos com uma igual proporção masculina (50%) em relação à feminina (50%). Contudo, o percentual de idade apresentou variação, 45,5%

dos pesquisados está com 14 anos, 22,7% com 13 anos e 31,8% com 12 anos. Tais percentuais não foram proporcionais ao seu ano escolar. Vejamos que o maior número de entrevistas aconteceram no 7º ano, o que corresponde a 45,5%. Mas à medida que avançamos nos anos escolares, o número de entrevistas foi diminuindo, com 40,9% dos adolescentes estando no 8º ano e somente 13,6% dos entrevistados encontrando-se no 9º ano. Diante disso, foi constatado que a maioria dos alunos com idade de 14 anos não está matriculada no 9º ano, ano que corresponde a sua faixa etária. No que se refere à religião, há uma predominância de sujeitos que se designam católicos, com 40,9%. O percentual é bem próximo quando comparamos o número de adolescentes que apontam não frequentar nenhuma igreja (27,3%) ao valor aproximado de 22,7% dos que afirmam frequentar a Assembleia de Deus. 02 dos entrevistados declararam participar de ambas igrejas, o que corresponde a 9% dos entrevistados.

Quando questionados sobre com quem convivem durante o período escolar, 63,6% aponta morar com os pais, 22,7% com a avó. 1 dos entrevistados afirma morar com o tio, 1 outro com a mãe e o padrasto e 1 declarou morar com o pai e a avó, totalizando 13,6%. A bebida alcoólica é algo tão natural para os entrevistados que ainda encontramos um percentual de 22,7% dos adolescentes que não considera o álcool como uma droga. Um deles assim manifestou-se:

[...] para quem sabe beber, não. Agora para quem é viciado ela já é uma droga. (PARTICIPANTE 03).

Vejamos que para este participante, o álcool para ser uma droga depende do sujeito e que este por sua vez tem que “saber” beber. Diante desta representação, o processo educativo nos parece a melhor maneira de lidar com tal argumento.

Com os resultados obtidos, encontramos lacunas nos diálogos entre os profissionais da educação e os adolescentes acerca do tema no âmbito escolar, já que 68,2% dos alunos afirmou não ter recebido da escola informações sobre bebidas alcoólicas, seus efeitos, abuso e dependência. Nota-se, portanto, a necessidade de repensar as informações que estão sendo repassadas neste âmbito escolar, haja vista uma parcela dos participantes desconhecem tais informes. Ações eficazes, exige-nos um processo de continuidade e parcerias que diminuam as possibilidades desses adolescentes cederem as ofertas, sejam elas televisivas, de amigos ou familiares para o consumo do álcool.

De acordo com Casela *et al* (2014, p. 42):

As ações de prevenção podem se tornar efetivas quando são integradas com outras propostas, possuem uma continuidade e contemplam, nas abordagens educativas, a interface entre a saúde e a educação. Estudos apontam que o desenvolvimento de parcerias entre a escola, a família dos alunos e a comunidade tem apresentado bons resultados.

As falas dos adolescentes da comunidade Rio, descritas a seguir, evidenciam falhas ou até mesmo ausência de ações preventivas que poderiam ser operacionalizadas nas práticas pedagógicas.

[...] Se eu acho o álcool uma droga? Acho que sim, né? (PARTICIPANTE 07).

[...] Não acho que seja droga. (PARTICIPANTE 11).

Nesse sentido, ao repensar suas ações, a escola desta localidade rural poderá ser capaz de promover estratégias que diminuam os fatores de risco ao uso e abuso do álcool nesta localidade.

Defronte à escola há um bar, quando questionados se o bar os causa incômodo, para oito participantes da pesquisa, o bar não traz nenhum aborrecimento, e relatam que acham normal. Com exceção de um deles que pontuou:

[...] não incomoda, mas não acho normal. (PARTICIPANTE 08).

À medida em que os alunos frequentam o local, que também é um ponto de venda de lanches, para comprar salgadinho ou esperar na sombra do alpendre do bar o horário dos portões da escola se abrirem, este convívio os conduz a uma familiaridade com o local. No decorrer do ano letivo, o bar passa a fazer parte do seu dia a dia. Estes sujeitos partilham assim as mesmas explicações, ao tornar familiar o que antes não o era, em seu cotidiano. É nesse sentido, que Santos (2005) menciona a construção das representações sociais, com a característica que o sujeito possui de naturalizar os elementos.

Em contrapartida, temos um percentual de 63,3% dos alunos que afirma se incomodar com o referido bar, a maioria cita o barulho, mas há outras justificativas para a não aprovação, vejamos:

[...] sim. Porque a escola é um lugar que a gente aprende coisas certas e na saída já vemos uma coisa errada. (PARTICIPANTE 10).

[...] sim, já vi adolescentes bebendo lá e é errado. (PARTICIPANTE 20).

[...] sim, porque incentiva os alunos a beberem. (PARTICIPANTE 22).

Nas falas que expressam reprovação, o consumo é ligado à prática de uma coisa errada, assim, encontramos como estes adolescentes ancoram suas representações porque estabelecem uma rede de significados em torno do mesmo, nos explica Santos (2005). Quando questionados se já experimentaram bebidas alcoólicas, 27,3% confirmou ter provado, sendo que um dos entrevistados teve seu primeiro contato bastante precoce, a partir dos 08 anos de idade.

[...] eu só provei. Tinha 8 anos, o copo estava ali e eu provei. (PARTICIPANTE 09).

Situação similar foi encontrada por Anjos *et al* (2012) ao pesquisar o perfil do consumo de bebidas alcoólicas por adolescentes escolares no ensino médio em uma cidade do interior da Bahia. Do total de entrevistados, 78% dos estudantes, alvo do referido estudo, afirmou que já havia experimentado bebida alcoólica, 7% informou ter ingerido pela primeira vez quando tinham de 05 a 10 anos de idade. De modo mais amplo, temos os resultados encontrados pela Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE, 2015), realizada com 2,6 milhões de estudantes que cursavam o 9º ano do Ensino Fundamental em 2015. Tal pesquisa apurou que 55,5% dos estudantes da rede pública e privada já havia consumido uma dose de bebida alcoólica alguma vez, com idade entre 13 a 15 anos de idade. Quando a utilização do álcool é iniciada de modo precoce, na infância ou na adolescência, o impacto da bebida sobre a neuroquímica

cerebral, nos esclarece Silva (2014, p 07), “resultará em pior ajustamento social, retardando o desenvolvimento de suas habilidades e resultando em prejuízos que o acompanharão ao longo da vida”. Estes prejuízos são notados, de modo particular na adolescência, por estarem se reestruturando em termos biológicos, social, pessoal e emocionalmente. Em nosso estudo, quando questionados se ainda continuam a consumir, 95,5% disse que não. Dentre os que não deram continuidade, temos o relato que descreve seu motivo pautado na proibição familiar:

[...] não consumo mais. Só bebia quando morava com a mamãe. Bebia escondido, mas meu pai descobriu aí fui morar com ele, e ele não deixa. (PARTICIPANTE 02).

Quando questionados sobre os motivos que os levaram a não terem consumido bebidas alcoólicas, os motivos foram desde de não gostar por pensarem no sabor, a bebida como vício<sup>1</sup> ou por conta da pressão familiar e social, vejamos:

[...] meu pai que proibiu. (PARTICIPANTE 02).

[...] não bebo porque sou de menor e a população vai encher meu saco. (PARTICIPANTE 03).

[...] faz mal. (PARTICIPANTE 04).

[...] para não viciar. (PARTICIPANTE 05).

[...] não gosto. (PARTICIPANTE 06).

[...] vejo coisas ruins quando as pessoas começam a beber. (PARTICIPANTE 07).

[...] não quero porque se experimentar a primeira vez vicia. (PARTICIPANTE 09).

[...] não me sinto bem. (PARTICIPANTE 13).

[...] meus pais não vão deixar. (PARTICIPANTE 14).

[...] porque deve ser ruim beber. (PARTICIPANTE 16).

[...] vicia. (PARTICIPANTE 20).

Em meio a estes depoimentos, podemos observar a dimensão moral em paradoxo com o legal. Destacamos os participantes 02 e 03, e o participante 14, em suas falas é possível perceber a dimensão moral presentes em suas considerações, quanto ao relato da proibição dos pais que os limitam à ideia de não desagradá-los e quanto à possível repressão da comunidade que o adolescente vê como barreira para o seu consumo no momento. Notamos, nestes depoimentos, que suas decisões estão pautadas tão somente na punição, e isto pode interferir em suas condutas, tornando-os vulneráveis ao abuso do álcool (Lepre; Martins, 2009). Percebemos que, em meio às suas falas, a memória construída por estes adolescentes rurais, passou pelos sabores que ouviram dizer em seus convívios, são suas impressões guardadas em suas memórias que se reproduzem exatamente como a ideia que possuem sobre o produto.

[...] não deve ter gosto bom. (PARTICIPANTE 11).

[...] acho que é amargo. (PARTICIPANTE 18).

De acordo com Halbwachs ([1950] 2003), isso só é possível porque suas memórias permanecem em contato com outros sujeitos com os quais se relacionam em sociedade, as impressões destes estudantes podem ser entendidas como sendo produzidas a partir de uma memória construída no coletivo. Assim, ver outros fazendo “cara feia” ao tomar uma dose de bebida ou conviver com pessoas que tomam a cachaça e que relatam que uma delas possui sabor amargo, produzem nestes adolescentes, lembranças que vão além dos textos

<sup>1</sup> A palavra vício é dada pelo senso comum para o termo dependência.

informativos que são discutidos em diversos espaços, dentre eles a escola. Portanto, ao descreverem os sabores da bebida, foi necessário recuperarem lembranças, passíveis de serem representadas e compartilhadas. Tais lembranças podem ter sido formadas ao estarem presentes nas ocasiões em que as pessoas costumam consumir a bebida alcoólica.

### Conclusão

Diante do tema proposto, é possível afirmar que os adolescentes vêm consumindo bebidas alcoólicas em idade mais precoce, tornando maior sua vulnerabilidade por não possuírem informações suficientes sobre o álcool e terem fácil acesso à substância. No âmbito escolar, os fatores de risco estão ligados à disponibilidade do álcool na região, assim como também, de informações inconsistentes com relação à bebida alcoólica como droga. Deste modo, o que podemos concluir com a realização do estudo é que a educação, não só no espaço escolar mas também nele, é o viés que deve ser adotado entre os adolescentes rurais sobre do consumo de bebidas alcoólicas. Mas, para que o processo educativo tenha êxito, é necessário que a escola atente-se às representações dos adolescentes diante do consumo do álcool no espaço rural. Como prevenção neste cenário, apontamos a necessidade da promoção de uma política educativa processual quanto ao uso e abuso do álcool a ser fomentado para toda comunidade escolar, desconstruindo a ideia do consumo como algo normal, natural, que apresenta pouco perigo porque muitos não considerarem uma droga. Por meio de projetos ou programas de prevenção, a escola com seu projeto político pedagógico, teria estratégias pedagógicas para envolver toda comunidade rural, levando em consideração o uso de propagandas ao seu favor para divulgação e disseminação de todas as informações. Dessa forma, as pessoas envolvidas teriam a possibilidade de refletir sobre seu modo de vida, suas crenças e valores diante do consumo das mais diferentes bebidas alcoólicas, o que contribuiria para a construção de novos hábitos entre seus familiares, amigos e grupos de pertença. Tais políticas devem levar em consideração as menores faixas etárias, para que haja uma maior possibilidade destes escolares realizarem uma melhor escolha diante dos convites ao consumo de bebidas alcoólicas, na medida em que conhecerão os riscos deste consumo e todas as suas implicações.

### AGRADECIMENTOS

Ao Instituto Federal do Maranhão e à Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia por financiarem e viabilizarem a pesquisa.

### REFERÊNCIAS

- Anjos, K. F.; Santos, V. C.; Almeida, O. S. 2012. Perfil do consumo de bebidas alcoólicas por adolescentes. *Rev.Saúde.Com* 2012; 8(2): 20-31. Disponível online em [www.uesb.br/revista/Rsc/ojs/index.php/rsc/article/download/168/199](http://www.uesb.br/revista/Rsc/ojs/index.php/rsc/article/download/168/199)
- Casela, A. L. M.; Monteiro, É. P.; Freitas, J. V. T.; Silveira, P.S. 2014. As práticas de prevenção ao uso de drogas no Brasil. In: RONZANI, Telmo Mota; SILVEIRA, Pollyanna Santos da. (org). *Prevenção ao uso do álcool e outras drogas no contexto escolar*. Juiz de Fora. Ed UFJF.
- Chizzotti, A. 2006. *Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Cruz Neto, O. 2002. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: DESLANDES, Suely Ferreira (org). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 21ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Halbwachs, M. 2003. *A Memória Coletiva*. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro.
- Instituto Brasileiro De Geografia E Estatística. [IBGE](2010). *Atlas do espaço rural brasileiro*. IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia, Rio de Janeiro. Disponível online em <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv94413.pdf>.
- Lepre, R. M.; M. R. A. 2009. Raciocínio moral e uso abusivo de bebidas alcoólicas por adolescentes. *Paidéia*, 19(42): 39-45. jan.-abr. 2009. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v19n42/06.pdf>
- Pesquisa Nacional De Saúde Escolar. [PeNSE]2015. *PeNSE 2015*. Disponível online em <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv97870.pdf>
- Santos, M. F. S. 2005. A teoria das representações sociais. In: SANTOS, Maria de Fátima de Souza; ALMEIDA, Leda Maria. *Diálogo com a teoria da representação social*. Recife: EDUFPE.
- Scholze, A. R.; Zanatta, L. F.; Brêtas, J. R. S. 2015. Dados sobre o consumo de álcool entre a juventude rural: Uma Constatação de Ausências. *Revista Contexto & Saúde* Ijuí Editora Unijuí v. 15 n. 29 JUL./DEZ. p. 63-68 Disponível online em <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoesaude/article/download/4251/4729>
- Silva, D. E. 2014. A ingestão de álcool na adolescência e suas consequências neuronais: o papel do educador nesse contexto. *Revista Acadêmica Licência & Acturas*. Ivoti, v. 2, n. 1, p. 07-15. Jan/jun. 2014.

\*\*\*\*\*